

Não é possível pagar a dívida, diz o BID

O Banco Interamericano de Desenvolvimento divulgou ontem seu relatório referente a 1984, apontando os elevados custos sociais das políticas adotadas na América Latina para pagar a dívida



externa. No entanto, apesar de todos os sacrifícios, está praticamente impossível saldar estas obrigações, principalmente em razão dos constantes aumentos dos juros internacionais.

Inflação, desemprego e deterioração geral dos padrões de vida são os custos sociais que os países da América Latina estão pagando para cumprir suas obrigações de saldar suas dívidas externas, através de rigorosos programas de ajustamento econômico interno. A análise é do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e está contida no seu relatório de 1984, divulgado hoje em todo o mundo. O relatório acrescentou que, apesar de todo esse esforço e das consequências adversas para a sociedade da região, são modestas as perspectivas de que os países latino-americanos possam fazer face ao serviço (amortização e pagamento de juros) deste ano da dívida externa apenas pelo aumento das exportações.

Segundo o banco, "mesmo que haja aumento das exportações, esse aumento provavelmente será anulado pelo incremento dos pagamentos de juros, e com isso não haverá, necessariamente, recuperação das exportações". O relatório do BID ressalta que a América Latina vive, no momento, uma situação de dívida externa semelhante à de quando enfrentou o chamado problema das transferências da década de 20, em função do serviço de dívidas resultantes da Primeira Guerra Mundial.

Entende o organismo internacional que a América Latina tem apenas duas formas para obter a necessária transferência de recursos reais: aumento das suas exportações de bens e serviços para o resto do mundo ou corte das suas importações. Acrescenta que, dadas as circunstâncias atuais da economia mundial, a maioria dos países da região adotou a redução das importações aliada a políticas restritivas, que resultaram em vultosos declínios nos investimentos, no consumo e na produção. "Esse ajustamento descendente teve efeito prejudicial sobre os padrões de vida não só das populações da América Latina como também dos países industrializados, cujas exportações para a região, especialmente de bens de capital, diminuíram acentuadamente."

Grandes problemas

Na sua crítica ao modelo de ajustamento econômico adotado por boa parte dos países latino-americanos, o BID diz que a região só começará a recuperar as perdas dos últimos três anos, no tocante à renda "per capita", se conseguir reorganizar os encargos da dívida externa de acordo com a capacidade de pagamento dos países, e se forem encontrados meios para atrair novas entradas de capital externo.

O relatório do banco enumera uma série de problemas que estão contribuindo para dificultar as soluções dos problemas da dívida externa na América Latina, mas destaca os que considera os mais importantes fatores internacionais:

1) A crescente dificuldade encontrada pela região para aumentar as suas exportações para os países industrializados, a fim de obter recursos para o serviço da dívida, dificuldade esta principalmente provocada por barreiras protecionistas adotadas por governos de países desenvolvidos;

2) A persistência de altas taxas de juros, consumindo proporção extraordinária das receitas de exportação da região;

3) E o continuado declínio do volume líquido de empréstimos, especialmente dos bancos comerciais.

E ainda na análise que faz sobre as políticas de ajustamento, o BID fala da drástica compressão do déficit em conta corrente da América Latina, que implicou queda substancial na contribuição da poupança externa para o desenvolvimento da região.

Sob o título "Progresso Sócio-Econômico na América Latina", o relatório do BID ressalta que devido a graves limitações financeiras causadas por problemas de dívida, redução das importações de insumo e bens de capital e, cortes nos gastos governamentais, a absorção da mão-de-obra na região continua acusando acentuada deterioração.

Ressalta que o agravamento desses fatores econômicos adversos vem contribuindo para o aumento de desequilíbrios sociais, com ênfase maior na "continuada erosão da renda per capita, em virtude da redução dos salários reais e do aumento do número de desempregados, numa força de trabalho que perfaz, agora, 123 milhões de pessoas".

Integração

Para o BID, a integração econômica da América Latina será o grande desafio para retirá-la da crise em que se encontra, apesar de tal compromisso político ter passado "pelos últimos 30 anos virtualmente inalterado". Como medida de curto prazo, o relatório recomenda aos países a eliminação de restrições não tarifárias e a execução de programas de redução de tarifas para assegurar margens de preferência estáveis, de modo a fortalecer o comércio intra-regional para recolocá-lo no nível atingido no início da década de 1980.

Na defesa de uma maior liberdade nas relações de capitais e de comércio e de integração econômica nos países latino-americanos, o BID argumenta que "os conceitos de integração e liberalização não são intrinsecamente inconciliáveis. De fato, se o argumento em favor da integração é respaldado em fundamentos como a tese da indústria incipiente, e só temporariamente que se justifica o protecionismo; e as políticas de promoção de exportações e liberalização, embora coordenadas no âmbito regional, podem ser consideradas como fases transitórias do processo".